

SIMPÓSIO: Conexão de orações
As construções apositivas com conector Ø

DIAS, Nilza Barrozo (UFJF)
(nilzabd@terra.com.br)

Resumo

As construções apositivas são constituídas de unidades A e B, conectadas por Ø e conectores discursivos. A apositiva serve para clarificar e elaborar o significado de A. O nosso foco está nas construções apositivas com conector Ø que apresentam na unidade A: (i) sintagma referencial definido e não-definido a ser elaborado em B; (ii) a unidade A que também funciona como “pequena cláusula”; e (iii) construções híbridas semelhantes às paratáticas. Podemos encontrar os recursos de movimento argumentativo de sustentação do ponto de vista, avaliação e função metadiscursiva na unidade A. As construções semelhantes às paratáticas não apresentam os referidos recursos.

Palavras-chave: construções apositivas; conector Ø ; argumentação;avaliação.

Introdução

Nas construções apositivas, a unidade apositiva (B) expande, clarifica, adiciona atributos a uma unidade base (A) (HALLIDAY, 1994). De fato, encontramos uma certa assimetria na relação estabelecida entre as unidades A e B. Assim, se o elemento base de referência for constituído por oração, orações ou períodos, a unidade apositiva deverá ser, preferencialmente, constituída por uma única oração; mas, se a unidade base de referência for um sintagma ou uma oração na unidade matriz, certamente a unidade apositiva será constituída de várias orações.

As unidades apositivas são introduzidas por conector Ø e por conectores discursivos. O primeiro tipo compreende: (i) as construções que tenham um SN como elemento base de referência que pode estar numa relação catafórica com a unidade apositiva; (ii) “as pequenas cláusulas”, cuja unidade A acumula algumas das funções de conector discursivo; e (iii) as unidades ambíguas, que se assemelham às estruturas paratáticas. O segundo tipo é constituído por unidades apositivas introduzidas pelos

conectores discursivos oriundos de verbos – *isto é, ou seja, quer dizer e vale dizer* - e pelo conector com finalidade argumentativa – *por exemplo*.

A nossa proposta focaliza as construções apositivas com conector Ø. O nosso objetivo é delimitar os tipos encontrados, destacando a argumentação, a avaliação e a introjeção como um dos mecanismos de interferência do locutor no texto. A nossa hipótese é que a voz do locutor manifesta principalmente nas unidades apositivas introduzidas pelos conectores *ou seja* e *quer dizer* é utilizada pelo locutor em parte ou toda a unidade A, o que pode levar à reanálise da referida unidade.

2. Considerações teóricas

As construções apositivas apresentam em nossos dados tanto as relações semânticas (referenciais:correferencialidade, parte/todo e catafórica; sinonímica; atributivas e hionímica) quanto as classes semânticas propostas por Meyer (1992:58-89;73-91). As relações semânticas mais encontradas na investigação são: *catafórica* e *sinonímica* (as mais recorrentes), além de *parte-todo* e *hionímia*, sendo *parte-todo* mais peculiar nas construções com *por exemplo*. Podemos ainda considerar as classes semânticas, aqui denominadas de valores semântico-pragmáticos, quais sejam, *avaliação (conclusiva)*, *paráfrase (explicação)*, *especificação*, *particularização*, *focalização*, *causalidade*, *contraste*, *ressalva*, *ratificação* e *retificação*, sendo os quatro últimos menos frequentes. Nogueira (1999) encontrou grande parte dos valores semântico- pragmáticos acima delimitados.

3. As construções apositivas e a sustentação do ponto de vista

As unidades apositivas servem para expandir, tornar mais clara para o locutor a informação contida na unidade a sublinhada. Algumas das construções apositivas encerram uma relação estreita com o movimento argumentativo de sustentação do ponto de vista.

As construções apositivas, com um SN catafórico como elemento base de referência, podem apresentar uma unidade apositiva que expandirá a informação do SN, geralmente, de referência genérica (Nogueira e Leitão, 2005). Dependendo da estrutura argumental do verbo da unidade matriz, poderemos ter o “ponto de vista” representando na unidade matriz e a sustentação do ponto de vista, na unidade apositiva, ou poderemos ter o “ponto de vista” expresso na unidade apositiva, sendo a sustentação realizada fora do âmbito da construção apositiva.

A construção apositiva representada pela “pequena cláusula” terá a unidade matriz como “ponto de vista” que representa uma avaliação do jornalista e a unidade apositiva será a sustentação do “ponto de vista”, o que poderá ser feito através da continuação da avaliação, da evidência empírica ou de dados estatísticos.

De acordo com White (2001), sentenças avaliativas são aquelas em que se manifesta um posicionamento atitudinal do locutor. O posicionamento atitudinal não é produzido somente pelo emprego de certas palavras ou expressões, mas pela interação de múltiplos elementos, podendo se manifestar de forma implícita (a partir de pressuposições) ou explícita (a partir de marcas lingüísticas). O posicionamento atitudinal pode manifestar-se de três modos: *o afeto, o julgamento e a apreciação*.

Neves (2000:189), ao analisar os sintagmas adjetivos, destaca os adjetivos que expressam avaliação psicológica, por eles exprimirem propriedades que definem o substantivo na sua relação com o falante. Podem ser: na direção da coisa nomeada para o falante (*fantástico, impressionante, etc*); na direção do falante para a coisa nomeada (*sincera, indiferente, etc*).

Vieira (2002:81-82), retomando Schiffrin (1987:17-20), coloca como componentes da argumentação: *a posição* (“ponto de vista), a disputa e a *sustentação do ponto de vista*. A posição constitutiva deste modelo argumentativo expressa a tese ou

ponto de vista a ser defendido pelo falante, sendo composta por uma *idéia* (informações descritivas de situações, estados, eventos e ações no mundo) e pelo *compromisso* (alinhamento/postura/adesão) do falante com aquela “idéia”. A disputa refere-se a um desacordo (RECH ou REFU) em relação a uma posição ou a sua sustentação. E, finalmente, a *sustentação* é o componente destinado a apoiar as posições em disputa. Vieira (2002) aponta, na sustentação do ponto de vista, a *justificação*, a *explicação* (exemplos, dados estatísticos e testemunhos) e a *evidência empírica* (escusa e justificativa). Cada um desses atos de fala fornece informações através das quais o falante induz o ouvinte a tirar uma conclusão a respeito da aceitabilidade ou legitimidade da posição.

As construções ambíguas reúnem as estruturas que se assemelham às paratáticas, porém nelas há uma dependência entre as unidades A e B. A unidade B serve para especificar a unidade A e, por isso, não pode ser apagada, pois o seu apagamento pode dificultar ou comprometer a informação. Temos, do ponto de vista semântico, uma relação *hiponímica*, sendo que a unidade apositiva em negrito serve à função semântica de *particularização*, ou seja, a unidade B específica o que o “dizer”, que é geral, significa. É uma estrutura *ambígua*, nos termos de Meyer (1992), já que se assemelha à estrutura paratática, embora reconhecamos que a diferença esteja na relação sinonímica estabelecida.

4. Metodologia

Nosso *corpus* é constituído de dados da escrita e da fala. Os dados escritos foram colhidos das secções “Ponto de Vista” e “Em foco” da revista *Veja* no período entre 1998 e 2004, totalizando 91.200 palavras. Tais textos abordam uma variedade de temas e foram escritos por autores diferentes, o que resulta num material bastante heterogêneo e rico. Já para a análise do português falado utilizamo-nos de uma amostra,

mínima, do Projeto Norma Lingüística Urbana Culta- NURC (o *corpus* compartilhado do Projeto da Gramática do Português Falado), com um total de 73.845 palavras e de entrevistas do Projeto de Estudos do Uso da Língua –PEUL/RJ.

Acrescentando a esses projetos estão as audiências de conciliação da Superintendência de Proteção e Defesa do Consumidor de Juiz de Fora-MG- PROCON/JF, da UFJF, coordenado pela Profa. Dra. Sonia B. Silveira, com um total de 45.400 palavras, e transcrições de fala mineira, Grupo de Pesquisa da Fala Mineira, cujo trabalho de campo está em fase inicial.

A princípio foi feito um levantamento das construções apositivas para, depois, se realizar uma investigação mais detalhada dessas construções. Com essa análise qualitativa, pudemos encontrar a “correferência do ponto de vista do locutor” como uma das bases da construção apositiva. Além disso, permitiu-nos observar que a corporificação da voz do locutor, que geralmente ocorre nas unidades apositivas introduzidas pelos conectores discursivos oriundos de verbo, passa a ser utilizada pelo falante em algumas das construções com conector Ø. Assim toda ou parte da unidade A passa a expressar avaliação ou introjeção do locutor no texto. Nessa análise qualitativa, investigamos as realizações sintáticas, semânticas e pragmáticas que podem justificar o uso peculiar de uma construção apositiva em um contexto determinado e não em outro.

Neste trabalho, apresentamos uma abordagem funcionalista, embora tenhamos utilizado, em algumas das etapas da pesquisa, análise quantitativa para garantir que as ocorrências fossem analisadas de forma coerente e sistemática, segundo as mesmas categorias gramaticais.

5. Análise de dados

As cláusulas introduzidas por conector Ø podem se realizar de formas diferentes, por isso, as dividimos em três tipos:

(i) Primeiro tipo:

Construções apositivas cuja unidade A possui sintagmas como elementos base de referência. Podem se realizar de duas maneiras distintas:

- (a) sintagma referencial definido; e
- (b) sintagma referencial não- definido.

Vejamos alguns exemplos dessas construções com **(a) sintagma referencial**

definido:

(1) Loc tanto a Asia quanto a Europa, já...passavam por passados, e que nao acontecia com América e com a Africa, tá(,) quer dizer a colonização e o desenvolvimento da América Latina e da Africa é um fenômeno do século XX entao o Japao...ele, desde o seu início...(pausa) desde o seu início...minha filhinha...ele contava como força fundamental (das suas colônias) os dois fatores: um deles, extremamente abundante o fator trabalho, nao é?, e o fator recursos naturais que, vocês procurem observar éuma ilha, um arquipélago aonde a escassez dos recursos dentro da área era suprida por quê? pelas célebres excurses fora da área japonesa nao é à toa que o início da industrialização japonesa, primeiro em termos de...artesanato evidente tinha toda a seda das indústrias chamadas domésticas, das indústrias aonde é capacidade de de realizar à mao à mao né?
(NURC- EF/RJ)

No exemplo (1), a unidade A possui um SN base que tem conteúdo semântico mais definido, “dois fatores”. Assim, a unidade apositiva irá apenas identificar quais seriam esses fatores “trabalho” e “recursos naturais”, sendo que tais informações se realizam sintaticamente como orações relativas encaixadas.

(2) A pergunta pode parecer extravagante, mas o tema se situa na confluência de duas tendências atuais: a afirmação da hegemonia dos Estados Unidos e a perda de autonomia da política econômica brasileira, na seqüência de um movimento que restringe a soberania das nações nos quatro cantos do mundo. **(VEJA,03/07/01)**

No exemplo (2), encontramos novamente um SN pleno na unidade A “duas tendências atuais” que tem conteúdo semântico definido. Desta forma, na unidade seguinte, encontraremos a identificação das duas tendências atuais: “hegemonia dos Estados Unidos” e “perda de autonomia da política econômica brasileira”.

Vejamos alguns exemplos de construções com **(ii) SN referencial não-definido:**

As construções apositivas que apresentam SNs não-definidos como unidades base de referência são aquelas em que, na unidade A, há um SN semanticamente vazio. Nesses casos, a unidade A parece apresentar um forte pendor-discursivo por direcionar

as atividades do interlocutor ou ainda por instanciar uma permissão solicitada por parte do locutor. Tais estruturas podem ser antecidas pelo verbo *ser*, *deixar e ir*, sendo que os dois últimos estão em processo de gramaticalização e expressam um pedido de permissão - “permissão solicitada”. Tais ocorrências foram inicialmente observadas em dados do PROCON/JF. É notória a ocorrência de “operador argumentativo”¹ ““(é) o seguinte” na unidade. O SN “o seguinte” poderá ocorrer na unidade A sozinho; como parte de uma estrutura argumental de verbo de atividade ou ação; e como predicativo numa estrutura com verbo de ligação. Nos casos em que aparece sozinho ou em estruturas com predicado nominal, “o seguinte” poderá ser antecido de elementos lingüísticos em processo de gramaticalização – *aconteceu* – que opera no nível do discurso para introduzir seqüência argumentativa (TRAVAGLIA, 2003:5); *vamos fazer*, uma perífrase de futuro que opera no nível da modalidade (TRAVAGLIA, 2003:9); e *xô fazer*, que opera no nível interacional como forma de permissão já entendida como dada.

Na realidade, de toda a unidade A sublinhada, grande porção de informação constitui uma direção da voz do locutor, restando apenas ao sintagma, que funciona como elemento base de referência, fazer o papel principal e sintático na relação entre as unidades da construção apositiva.

(3) ANA: mas olha eu vou falar uma coisa (esse) extrato aqui () inclusive não é o único Banco (que eu já vi) então é porque acontece () porque eu não fiz (nenhum) saque (0.2)(PROCON/JF)

No exemplo (3), observamos que a unidade A possui “uma coisa” como elemento base de referência. Dessa maneira, por o SN ser não-definido, a unidade apositiva terá por função particularizar, esclarecer, o valor semântico deste SN. Tais

¹ Estamos chamando de operador argumentativo por ele introduzir seqüência argumentativa. Reconhecemos, contudo, que há algumas ocorrências em que “é o seguinte” não aponta para a argumentação, mas apenas direciona as atividades a serem desenvolvidas no PROCON. Como não concluímos a investigação, a denominação “operador argumentativo” se aplica a todas as situações com a estrutura “(é) o seguinte”.

SNs são chamados por Nogueira (2005) de nomes “genéricos”. Ela observou em sua pesquisa que tais nomes são freqüentes nas construções apositivas e, geralmente, possuem referenciação catafórica. Ou seja, tais nomes criam um foco de referência em relação à unidade apositiva, esta especifica o nome genérico contido na unidade A. Com isso, podemos identificar “uma coisa” como o fato de que o extrato bancário comprovava que Ana não havia feito nenhum saque. Observamos ainda neste exemplo a construção verbo *dicendi*+ *uma coisa*. Esta construção parece ser usada quando se deseja tomar o turno de fala.

(4) MARA: agora deixa eu perguntar uma coisa () ela é estudante vai se formar esse ano entendeu? () eu quero saber se eu posso quitar isso aí (0.8) mas continuar com o processo (3.0) isso para não crescer, entendeu e continuar com o processo o [processo] (PROCON/JF)

No exemplo (4), a unidade A novamente apresenta o sintagma nominal “uma coisa” que por ser considerado vazio semanticamente, e só será identificado na unidade apositiva. Assim, na unidade apositiva há a especificação de “uma coisa” como uma pergunta em relação à dívida e ao processo. Já “Deixa eu te perguntar” denota uma permissão solicitada, marcando a interferência do locutor no texto. Podemos considerar que, como parte da unidade A, temos, de fato, o sintagma “uma coisa” que necessita ser esclarecido, especificado e particularizado na unidade apositiva

Os exemplos abaixo constituem um subgrupo denominado **cláusulas diretivas**, já que toda a estrutura da unidade A serve para direcionar as informações dadas pelo falante, além de dizerem acerca da sua posição em relação à informação que virá sob a forma de unidade apositiva. Geralmente, esse elemento base de referência catafórico faz parte de uma oração de predicado nominal com verbo *ser*. Ou seja, a unidade base parece estar se tornando um grande conector discursivo, papel semelhante ao das “pequenas cláusulas”.

(5) Rui: é o: que: o que eu posso dizer a ele é o seguinte (0.5) **pra ele pedir o cancelamento, ele pedir o cancelamento, (0.5) agora com relação a: as duas parcelas que já lhe debitadas, isso aí não tem como ser retroagido.**
(PROCON/JF)

Em (5), “o seguinte” é o elemento base de referência. Podemos observar que instancia-se uma referência em relação ao conteúdo proposicional que ocorre em seguida. Este conteúdo particulariza e identifica o que seja “o seguinte”. Este tipo de unidade A estabelece uma projeção e focalização da informação a ser veiculada na aposição, considerando-se que a unidade B funciona como suporte informacional para a sua argumentação, já que o Reclamado sustenta o seu ponto de vista com relatório de problemas ocorridos, o que gerou a ida do reclamante ao Procon.

(6) Pedro: [ele falou com ela o seguinte. vão fazer um] negócio, já que não nós não entramos num acordo melhor que seja num órgão, pode ser aqui ou em qualquer lugar, é menos mal porque você tá intermediando tá sentindo dificuldade de intermediar para que nós saímos daqui com uma solução pronta. nós não temos dinheiro, entendeu, nós temos mão de obra. para que nós colocar uma uma pessoa lá pra fazer pra [ela tem que ter, tem não, tem mil, mas não, mas aí, mas ela] (PROCON/JF)

No exemplo (6), temos SN “o seguinte” como elemento base de referência.. Embora o sintagma “seguinte” seja esvaziado semanticamente, ele serve como um recurso para referenciação catafórica. “Seguinte” veicula uma referenciação indeterminada, o que leva o falante a projetar uma caracterização, particularização ou detalhamento deste sintagma na unidade apositiva. Para tal esclarecimento, o falante, no exemplo acima, recorre a uma narrativa, que constitui uma evidência pessoal e desagradável. Ao utilizar uma narrativa, o reclamante enfatiza o seu ponto de vista com uma experiência desagradável relatada.

(7) L1: ...o que acontece é o seguinte hoje em dia...pra você ir por ...nós vamos por exemplo todo dia a Camaçari...já é hoje em dia uma viagem

No exemplo (7), temos uma construção apositiva, cuja unidade matriz é constituída por uma estrutura do tipo: *acontecer* + Sintagma Nominal (seguinte). Esta

estrutura também mostrou-se muito freqüente em nossos dados de fala, pois, por também ter referência catafórica, focaliza o conteúdo da unidade apositiva. Neste exemplo, em particular, notamos ainda a utilização da clivagem “o que a acontece é o seguinte”, que constitui uma outra estratégia de focalização.

(08) Inf você só tem mesmo a dogmática jurídica... e para que nao dizer... que em certas ocasioes... basante SE:RIA muito rebusca:da... e lindíssima... quer dizer uma lógica de ferro... vocês vao sentir isso no final do curso... olhe que eu sou de sociologia... muito mais do que... de direio... e eu vejo isso... a lingua:gem... raciocínio ló:gico... abstrato... do jurista... bem claro que nao é de TODO... deveria ser de todo... é bbonito... é algo bem próprio dele... tanto que os sociólogos... do direito... do direito... dizem que... nao é? a dogmática jurídica... o direito como ele é estudado é uma técnica... nao é ciência...
(NURC – EF/REC)

No exemplo (08), temos uma construção apositiva, cuja unidade matriz possui “isso” – um Sintagma Pronominal, como base. Este pronome é neutro, portanto semanticamente vazio e irá focalizar o que o locutor “vê”, ou seja, possui referência catafórica. Desta forma, percebemos que a unidade apositiva identifica o que o locutor queria dizer ao utilizar o pronome “isso”, ou seja, mostrar o que, para ele, seria a “linguagem”. O elemento base de referência “isso” é antecedido por “veja” que ocorre num sentido metaforizado para denotar relações de atividade verbal, o que marca a interferência e corporificação da fala do locutor no texto.

(ii) Segundo tipo: “pequenas cláusulas”

Segundo Dias (no prelo), “ as “pequenas cláusulas” representam a delimitação e conseqüente focalização da avaliação do falante acerca de um segmento tópico que esteja no fluxo de informação, cuja realização lingüística se dá através de sintagmas avaliativos que poderão ocorrer sozinhos ou numa oração de predicado nominal. O resultado é uma informação focalizada e saliente discursivamente, cuja delimitação pragmática fica evidente”. Convém ainda destacar que as “pequenas cláusulas” apresentam algumas das funções peculiares de conector discursivo, ou seja, conecta a informação que a antecede com a informação que a sucede.Ou seja, a introjeção do

locutor no texto através de um conector discursivo, conforme proposta de Traugott (2005), é observada nos conectores oriundos de verbo, especialmente *ou seja* e *quer dizer*, mas também pode ser depreendida nas “pequenas cláusulas”, o que as torna um construção híbrida, acumulando também função textual-discursiva de *avaliação*. Contudo, é bom lembrar que, neste caso, a avaliação não se encerra na “pequena cláusula”. Esta é a centralizadora do processo de avaliação, mas o julgamento ou apreciação do locutor pode anteceder-la e, raramente, sucedê-la. Ou seja, elas apresentam também função conectiva por juntarem a porção de informação que a antecede com a porção de informação que a sucede.

O exemplo (09) ilustra este tipo de ocorrência:

(09) O racismo é uma falha moral. É uma atitude consciente de menosprezo racial e intelectual. O ponto moral é simples: negros foram trazidos para o Brasil e aqui mantidos à força, por mais de três séculos.(VEJA-03/12/03)

No exemplo acima, a unidade A sublinhada retoma toda a porção de informação que a antecede, expressando uma avaliação feita pelo escritor, que faz um julgamento do lado moral do racismo. A unidade apositiva dá sustentação à avaliação do escritor, expressa na unidade base. Este modo de introjetar-se no texto, explorando uma *avaliação/julgamento* constitui um mecanismo muito usado pelos falantes nas estruturas apositivas com conectores discursivos oriundos de verbos. Notamos que há um *juízo* porque o locutor faz uma avaliação do racismo considerando os aspectos morais que estão ligados a ele, ou melhor, a falha moral - os negros foram obrigados a permanecer no Brasil. Além disso, “O ponto moral é simples” funciona também como um conector por juntar a informação que a antecede com aquela que a sucede, centralizando e corporificando a fala do escritor.

Observamos o mesmo no exemplo abaixo.

(10) Mas o que lhe oferecem no banco pela aplicação do seu dinheiro não é mais que uma fração dos 19%, e piores: quando se trata de tomar um dinheirinho

emprestado, é sempre um múltiplo indecente dos 19%. (Em foco: “O gigante custo do crédito”. Gustavo Franco. 29.10.03)

O exemplo (10) instancia a unidade A - *pior* - como representante de um tipo de avaliação negativa, ou seja o julgamento do jornalista acerca da aplicação financeira proposta pelos bancos. Para sustentar esta avaliação, que constitui “o ponto de vista”, o jornalista continua com alguns elementos avaliativos (múltiplo indecente e percentual) para reforçar o seu ponto de vista. A unidade apositiva em negrito instancia uma evidência empírica através de crítica ao percentual cobrado pelos bancos.

É importante lembrar que este tipo de construção só foi encontrado nos dados da escrita.

(iii) Terceiro tipo: o terceiro tipo reúne as construções que se assemelham às paratáticas, porém nelas há uma dependência semântica entre as unidades A e B. Ou melhor, algumas apresentam uma relação hiponímica e outras uma relação sinonímica muito forte. Assim, ao mesmo tempo em que a unidade B serve para tornar clara a unidade A, ela também a particulariza e parafraseia. Para Neves (1984), APUD Nogueira(1999), a coordenação caracteriza-se pela exterioridade sintática, enquanto a aposição tem no segundo segmento uma retomada do primeiro segmento. Cabe destacar aqui que este tipo de exemplo só foi encontrado em amostras de fala.

(11) L2 não vá dizer muito manos agora porque com a criação do Bom preço uma cadeia de supermercado da qual você é assessor

L1 ((riu))

L2 **eu vou dizer também vou fazer minha propaganda**

L1 não não é questão de propaganda não **(NURC- D2/REC)**

O exemplo (11) tem uma oração como elemento da unidade base “eu vou dizer também” e em seguida uma outra oração especifica o conteúdo da primeira. Temos, do ponto de vista semântico, uma relação *hiponímica*, sendo que a unidade apositiva em negrito serve à função semântica de *particularização*, ou seja, a unidade B especifica o que o “dizer”, que é geral, significa. É uma estrutura *ambígua*, nos termos de MEYER, já

que se assemelha à estrutura paratática, embora reconheçamos que a diferença esteja na relação sinonímica estabelecida. Pode ser vista como uma aposição periférica, porque podemos trocar as duas unidades de posição (mas não é o que normalmente fazemos), podemos cancelar a primeira unidade, mas, se apagarmos a unidade B, a unidade A não trará a especificação do que seria “dizer” e isso poderia dificultar e/ou comprometer a informação.

(12) L2 foi circunstâncias que não favoreceram que eu não:... não consegui no Itamarati...() não não consegui não...nem cheguei a tentar...acrescido do fato que que aí depois soube que para mulher era muito difícil que eles quase não admitiam era difícilimo et cetera et cetera...e aí faltou ânimo para tentar para valer...eu acho que aí se eu tivesse tentado teria conseguido mas realmente faltou ânimo **faltou interesse**...(risos) os interesses começam...a se:: (NURC-DID/REC)

Em (12) a relação sinonímica pode ser observada, e a unidade B diz em outras palavras o que seja “falta de ânimo”. A estrutura - *faltou ânimo faltou interesse*- se assemelha a uma estrutura paratática, embora a paráfrase a coloque no grupo da construção apositiva.

Conclusão

As construções apositivas apresentam-se de modo bastante diversificado, embora todas elas primem pela expansão e clarificação de algum sintagma, oração ou período constantes na unidade matriz.

Quanto à conexão entre as unidades A e B, podemos dizer que: (a) no caso das construções apositivas com conector \emptyset , temos verificado que as unidades apositivas servem para particularizar, detalhar informação acerca do sintagma base; geralmente não possuem a voz do locutor; (b) no quesito *avaliação*, que normalmente ocorre nas unidades apositivas introduzidas por conector discursivo oriundo de verbo, o locutor a desloca para a unidade base, acrescentando mais uma função, a textual- discursiva a esta unidade. Temos as “pequenas cláusulas”, que não possuem conectores, mas elas

mesmas se comportam como se fossem conectores discursivos; e (iii) no quesito *direção da voz do locutor*, podemos dizer que a unidade A que possui um sintagma nominal catafórico, vazio semanticamente, como é o caso de “o seguinte”, precedido por unidades lingüísticas (*deixa eu* e *vamos ver*), levam-nos a perceber que as referidas unidades estabelecem uma *base orientadora*, o que nos mostra que parecem funcionar no nível de operadores argumentativos.

Além das relações e classes semânticas abordadas, que são peculiares das construções apositivas, percebemos que as construções selecionadas podem funcionar como expressão de movimento argumentativo. Verificamos a sustentação do ponto de vista e observamos que, geralmente, o “ponto de vista” é coincidente com a unidade matriz e a sustentação, com a unidade apositiva. No entanto, nas construções com SN catafórico na unidade matriz, poderemos encontrar o “ponto de vista” quer na unidade matriz, quer na unidade apositiva.

Referências bibliográficas

BRAGA, Maria Luiza. Fala, Escrita e Estratégia de Focalização. In: *Anais do II Encontro de Funcionalistas*. Araraquara.SP.1997.

COSTA, Rafaela Domingues. *A multifuncionalidade e trajetória de “por exemplo”*. Dissertação de mestrado defendida no PPG-Lingüística da UFJF. Maio de 2008.

DIAS, Nilza Barrozo. Cláusulas apositivas “desgarradas” em português: estatuto sintático- discursivo. In: *Conexão de orações*. Revista *Veredas*, vol. 8, números 1 e 2. Editora da UFJF, p. 63-78, 2005.

_____. *As “pequenas cláusulas” nas construções apositivas*. Ataliba T. de Castilho (Org.). *História do Português Paulista*, série Estudos, volume I. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem. (no prelo).

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed., London: Edward

Arnold, p.225, 1994 [1985].

MEYER, Charles F. *Apposition in contemporary English*. Cambridge Press, 1992.

NOGUEIRA, Márcia. *A posição não-restritiva em textos do português contemporâneo escrito no Brasil*. Tese de Doutorado. Unesp/Araraquara. 1999.

NEVES, Maria Helena M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo. Editora Unesp. 2000.

NOGUEIRA, M. T. & LEITÃO, R. J. A oração substantiva apositiva: aspectos textual-discursivos. In: DIAS, Nilza B. & DECAT, Maria Beatriz N. (orgs). *Conexão de orações*. Revista Veredas. UFJF. 2005.

SCHIFFRIN, Deborah – *Approaches to discourse*. USA.Blackwell, p. 17-20, 1987.

TRAUGOTT, E. C. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso: 08/2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A gramaticalização de verbos. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (org.). *Linguagem, conhecimento e aplicação - Estudos de língua e lingüística*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003:306-321.

VIERA, Amitza T. *Movimentos argumentativos em uma entrevista televisiva: uma abordagem discursivo- interacional*. Dissertação de Mestrado, UFJF, p.81-82, 2002.

VIEIRA, Amitza T. *A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança*. Tese de doutorado. PUC.RJ.2007.

WHITE,. Appraisal. [www. grammatics. com/ appraisal](http://www.grammatics.com/appraisal). Acesso /2001.